

# Novos começos, situações privilegiadas e momentos perfeitos: as fragilidades do antinarrativismo de Antoine Roquentin

*New beginnings, privileged situations and perfect moments: the fragilities of Antoine Roquentin's antinarrativism*

**Vitor Hugo dos Reis Costa**

Doutor em Filosofia pela UFSM

costavhr@gmail.com

Bolsista CAPES

<https://orcid.org/0000-0002-0426-1983>

**Resumo:** Trata-se de uma exploração das fragilidades da posição antinarrativista sustentada no romance *A náusea*, de Jean-Paul Sartre, por meio do protagonista, o historiador Antoine Roquentin. Em um primeiro momento, será brevemente reconstruída a posição antinarrativista. Em seguida, a fragilidade dos pressupostos dessa posição será elaborada por meio de um percurso pelas reflexões de autores narrativistas, como Paul Ricoeur e Ben Roth. Finalmente, pretende-se mostrar como é possível, na perspectiva narrativista, uma série de experiências consideradas impossíveis no romance de Sartre.

**Palavras-chave:** existencialismo; identidade pessoal; hermenêutica; narrativa.

**Abstract:** *This is an research of the fragilities of the anti-narrative position sustained in the novel Nausea, by Jean-Paul Sartre, through the protagonist, the historian Antoine Roquentin. At first, the anti-narrative position will be briefly reconstructed. Then, the fragility of the assumptions of this position will be elaborated along a journey through the reflections of narrative authors, such as Paul Ricoeur and Ben Roth. Finally, it is intended to show how, in the narrative perspective, a series of experiences considered impossible in Sartre's novel is possible.*

**Keywords:** existentialism; personal identity; hermeneutics; narrative.

## Considerações preliminares

A presente reflexão tem duas pretensões. A primeira é a exploração das fragilidades da posição antinarrativista do historiador fictício Antoine Roquentin, protagonista de *A náusea*, de Jean-Paul Sartre. No horizonte dessa perspectiva antinarrativista e no desenrolar da economia do enredo do próprio romance, surgem alegações acerca da impossibilidade e do caráter ilusório de certas experiências como a de *começos* de segmentos narrativos de uma vida, a de imersão em *situações privilegiadas* e a experiência de *momentos perfeitos*. Embora consistentes de um ponto de vista existencialista, as premissas que sustentam a narrativa de *A náusea* – e posteriormente as argumentações de Sartre em *O ser e o nada* – dependem fortemente de uma separação radical entre as estruturas ontológicas e o estrato da vivência prosaica. Desse modo, sob a luz da perspectiva da hermenêutica narrativista, parece possível mostrar a pouca razoabilidade implicada pela posição sartreana, não obstante esta seja, em razão de sua frutífera observância da liberdade humana, frequentemente lembrada pelo autor cujas ideias comandam a reconstrução da perspectiva narrativista no presente texto, a saber, o filósofo Paul Ricoeur.

O segundo intento é o de mostrar, no interior da perspectiva narrativista, a pertinência de uma perspectiva de identidade narrativa concebida em moldes diferentes daqueles pensados por MacIntyre, a saber, a ideia de *unidade narrativa de uma vida*. Nesse nível do argumento, os influxos irradiados pela perspectiva sartreana se fazem notar desde a possibilidade de concepção de uma identidade narrativamente aberta para o próprio fazer, desfazer e refazer por meio da ação e da narração. Com o suporte das reflexões de Ben Roth, torna-se possível ir além de Ricoeur em dois pontos. Primeiramente, é possível conceber que a vida já seja narrativamente vivida, o que destoa da perspectiva ricoeuriana na qual a vivência é apenas *pré-narrativa* e configurada em forma de história posteriormente. Em segundo lugar, é possível aceder a uma posição *pluralista*, distinta e distante da ideia de “unidade de uma vida”. A permanente abertura de uma existência que se faz e se narra produz, com efeito, uma série de histórias.

Finalmente, no horizonte dessa perspectiva narrativista e pluralista, torna-se possível averiguar o lugar e o estatuto das experiências consideradas impossíveis por Roquentin. Minha hipótese é a de que a perspectiva narrativista e pluralista é mais razoável e se coloca como uma representação mais verossímil da vida humana na medida em que restitui o lugar e a legitimidade de experiências tão frequentes e frequentemente relatadas pelos indivíduos, a saber, a experiência de *novos começos*, *situações privilegiadas* e *momentos perfeitos* negados nos diários do personagem sartreano.

### 1. Um historiador fictício e antinarrativista

Os elementos de uma posição refratária à narrativa podem ser encontrados de modo esparso, mas recorrente e por toda a extensão do romance *A náusea*, de Jean-Paul Sartre. Por meio de um protagonista historiador, Sartre exhibe de modo concomitante o processo de desmoronamento do sentido comum e cotidiano do personagem e sua crescente desconfiança com os poderes e direitos da narração em representar

adequadamente a vida. Envolvido com a produção de uma biografia do Marquês de Rollebon, Roquentin já exhibe, nas primeiras páginas do romance escrito em forma de diário, a impressão de que “nunca se pode provar nada” (SARTRE, 2005, p. 28) e “de estar fazendo um trabalho puramente imaginativo” (SARTRE, 2005, p. 29). Algumas páginas depois, a desconfiança se estende ao caráter de realidade do passado e Roquentin conclui que constrói lembranças no presente (SARTRE, 2005, p. 55), do que se depreende, em seguida, sua constatação de que jamais vivera aventuras. Para Roquentin, “tudo que se conta nos livros pode realmente acontecer, mas não da mesma maneira” (SARTRE, 2005, p. 60). Para que fosse possível experimentar a aventura enquanto aventura,

teria sido preciso inicialmente que os começos fossem verdadeiros começos. [...] Vejo tão claramente agora o que eu quis. Verdadeiros começos surgindo como um toque de clarim, como as primeiras notas de uma melodia de *jazz*, bruscamente cortando o tédio, fortalecendo a duração; essas noites, em meio a outras noites, sobre as quais se diz mais tarde: “Estava passeando, era uma noite de maio”. (SARTRE, 2005, p. 60)

Os verdadeiros começos parecem impossíveis desde que “cada instante só surge para trazer os que lhe seguem” (SARTRE, 2005, p. 61), isto é, desde uma característica da própria estruturação da experiência humana do tempo. Essa impossibilidade da experiência dos começos é também o que inviabiliza a narração em suas pretensões de representação adequada da existência. “Um homem é sempre um narrador de histórias, vive rodeado por suas histórias e pelas histórias dos outros, vê tudo o que lhe acontece através delas e procura viver sua vida como se a narrasse” (SARTRE, 2005, p. 62), anota Roquentin em seus diários ao meio-dia de um sábado, antes de formular a frase que melhor sintetiza sua tese sobre a relação entre a existência e a narração: “é preciso escolher: viver ou narrar” (SARTRE, 2005, p. 63). “Quando se vive, nada acontece”, continua Roquentin, pois “nunca há começos” (SARTRE, 2005, p. 63). Para o historiador fictício, a narrativa não só não representa adequadamente o desenrolar da existência como, na verdade, distorce-a e a põe pelo avesso:

Os acontecimentos ocorrem num sentido e nós os narramos em sentido inverso. Parecemos começar do início [...] e na verdade foi pelo fim que começamos. [...] O sujeito já é o herói da história. Sua depressão, seus problemas de dinheiro são bem mais preciosos que os nossos: doura-os a luz das paixões futuras. E o relato prossegue às avessas: os instantes deixaram de se empilhar uns sobre os outros ao acaso, foram abocanhados pelo fim da história que os atrai, e cada um deles atrai por sua vez o instante que o precede [...]. Temos a impressão de que o herói viveu todos os detalhes dessa noite como anúncios, como promessas, ou até mesmo de que vivia somente aqueles que eram promessas, cego e surdo para tudo que não anunciava a aventura. Esquecemos que o futuro ainda não estava ali. (SARTRE, 2005, p. 64)

As reflexões de Roquentin apontam para uma cisão irreconciliável entre uma experiência pura e autêntica da temporalidade e sua representação. É essa cisão que faz com que uma aventura seja um efeito da narração e jamais uma experiência viva. Na ordem da pura temporalidade “cada instante leva a outro instante, esse a outro, e assim sucessivamente” e diante da inutilidade da tentativa de retenção “transportamos para o conteúdo o que pertence à forma” (SARTRE, 2005, p. 86). É nesse sentido que

Roquentin se distingue de Anny, a antiga amante que comparece nos relatos de seu diário.

Tentando fazer com que “o tempo lhe desse tudo que era possível” (SARTRE, 2005, p. 87), Anny jogava com o tempo o “jogo dos momentos perfeitos” (SARTRE, 2005, p. 95) no qual “se o instante não se prestava para isso, se desinteressava de tudo, a vida desaparecia de seus olhos” (SARTRE, 2005, p. 94). Refletindo sobre o período vivido com Anny, Roquentin oferece mais uma pequena reflexão sobre a experiência do tempo e seu agenciamento na memória:

Enquanto nos amamos, não permitimos que o mais ínfimo de nossos instantes, a mais leve de nossas dores se desligassem de nós e ficassem para trás. Os sons, os odores, os matizes do dia, até os pensamentos que não nos dissemos, tudo isso nos acompanhava e tudo permanecia vivo: não cessávamos de desfrutá-los ou de sofrer por eles no presente. Nenhuma lembrança; um amor implacável e tórrido, sem sombras, sem recuo, sem refúgio. Três anos presentes ao mesmo tempo. Foi por isso que nos separamos: já não tínhamos forças suficientes para suportar esse fardo. E então, quando Anny me deixou, de repente, de uma só vez, os três anos, como um todo, desmoronaram no passado. Sequer sofri: me sentia vazio. Depois o tempo recomeçou a passar e o vazio aumentou. (SARTRE, 2005, p. 96)

A ubiquidade do presente vivo como índice do escoamento do tempo aparece formulado de forma poética quando Roquentin declara, por exemplo, que “o passado é um luxo de proprietários”, já que “não se pode colocar o passado no bolso”, sendo necessário “ter uma casa, arrumá-lo nela” pois “um homem inteiramente sozinho, só com seu corpo, não pode reter as lembranças; elas passam através dele” (SARTRE, 2005, p. 98). Essa fragilidade do passado aparece em tintas mais explícitas e dramáticas em passagens que indicam o processo que culminará na experiência da náusea. Operando como tomadas de consciência parciais sobre aspectos da realidade, essas tomadas de consciência revelam estruturas que, até o final da narrativa, não serão mais recobertas por sentidos da ordem trivial e prosaica. Um desses aspectos é a ubiquidade do presente:

Revelava-se a verdadeira natureza do presente: era o que existe e tudo o que não era presente não existia. O passado não existia. De modo algum. Nem nas coisas, nem mesmo em meu pensamento. Por certo fazia muito tempo que eu compreendia que o meu me escapara. Mas até então pensava que simplesmente se retirara do meu alcance. Para mim o passado era apenas uma aposentadoria: era uma outra maneira de existir, um estado de férias e de inação; cada acontecimento, quando seu papel findava, se arrumava sensatamente, por si próprio, numa caixa e se tornava acontecimento honorário: é tão difícil imaginar o nada! Agora eu sabia: as coisas são inteiramente o que parecem – e *por trás delas...* não existe nada. (SARTRE, 2005, p. 140)

Essa reflexão é realizada na segunda-feira. As páginas sobre a quarta-feira dessa mesma semana são aquelas que registram a célebre experiência da náusea diante da raiz do castanheiro. No sábado da mesma semana, Roquentin reencontra Anny. O diálogo, um pouco truncado, leva Roquentin a crer que Anny vivenciava algo muito parecido com o processo pelo qual ele próprio passava já que, segundo a própria Anny, era verdade que “acabaram-se os momentos perfeitos” (SARTRE, 2005, p. 204). A impressão era acompanhada de uma “certeza física” de um dado que então sempre

Ihe parecia ter sido “bruscamente revelado na véspera” (SARTRE, 2005, p. 205). “Vivo rodeada por minhas paixões defuntas”, diz Anny, acrescentando que tenta “recuperar aquela bela fúria” (SARTRE, 2005, p. 206) que a fez, aos doze anos, se lançar por uma janela. É nesse contexto que aparece a noção de *situações privilegiadas*, vinculada aos “episódios que tinham um valor plástico maior” ou “mais interesse histórico” que justificava que estivessem “representadas nas gravuras” (SARTRE, 2005, p. 209) da *Histoire* de Michelet. Para Anny, as situações privilegiadas “tinham uma qualidade totalmente rara e preciosa, estilo” (SARTRE, 2005, p. 210) e podiam ser constatadas nos momentos de amor e de morte. Da situação privilegiada que “lentamente, majestosamente entra na vida das pessoas” é que se colocaria, para a pessoa, a questão sobre “se queremos fazer disso um momento perfeito”, (SARTRE, 2005, p. 211) nas quais se compreende que há atos e gestos precisos a serem realizados, atitudes específicas, palavras obrigatórias e proibidas de serem ditas. Objetando a alegação de Roquentin, para quem essa conduta de transformação de situações privilegiadas em momentos perfeitos tinha algo de “uma espécie de obra de arte”, Anny lhe diz que era “um dever”, “uma questão de moral” (p. 212). Porém, com o fim dos momentos perfeitos, Anny se insulara no passado e passara a realizar *exercícios espirituais* para manter o passado vivo, conforme mostra o diálogo:

- Vivo no passado. Recordo tudo o que me aconteceu e ordeno-o. Assim de longe não dói, e quase nos deixaríamos enganar. Toda a nossa história é bastante bela. Dou-lhe uns retoques e o que fica é uma sequência de momentos perfeitos. Então fecho os olhos e tento imaginar que ainda vivo dentro deles. Tenho outros personagens também. É preciso saber se concentrar. Sabe o que li? Os *Exercícios espirituais* de Loyola. Foi muito útil para mim. Há uma maneira de colocar primeiro o cenário, depois de fazer aparecer os personagens. Consegue-se ver – acrescentou com ar maníaco.

- Pois bem, isso absolutamente não me satisfaria.

- E acha que a mim satisfaz? (SARTRE, 2005, pp. 217-8)

Na despedida, Anny beija Roquentin nos lábios, de leve. Alega que é para se lembrar de seus lábios e rejuvenescer as lembranças para seus “exercícios espirituais” (SARTRE, 2005, p. 219).

Se por um lado as passagens selecionadas estão retiradas do contexto da narrativa sobre a experiência da náusea, por outro lado, oferecem um observatório de alguns pressupostos do profundo antinarrativismo do autor de *A náusea*. Se, como afirma Jorn Rüsen (2016, p. 57), “a continuidade é a ideia principal de uma história que conecta a experiência do passado com a expectativa do futuro, realizando, assim, a unidade do tempo”, tudo se passa como se as impressões de autores como Philip Thody (1974), Arthur Danto (1975) e David Sherman (2012) estivessem corretas e *A náusea* fosse uma modulação existencialista de uma intuição *humeana*, a saber, a de que a realidade é destituída de qualquer racionalidade ou ordenamento em seus limites objetivos e subjetivos. Segundo este último, é possível observar uma mudança entre os pressupostos do romance de Sartre e o ensaio de ontologia fenomenológica. Para Sherman, a apropriação da filosofia de Heidegger por Sartre deslocara a ênfase da absurdidade para o polo da subjetividade. Se em *A náusea* a ênfase é na falta de fundamento da totalidade do real, em *O ser e o nada* encontramos um Sartre mais preocupado com

a injustificabilidade de um projeto existencial singular e pessoal (SHERMAN, 2012, p. 257). Acompanhando Sherman, acrescento que há mesmo vestígios e indícios, em *O ser e o nada*, do enfraquecimento das teses antinarrativistas de *A náusea*. É o que se observa mediante a recorrência da expressão “história de cada um” no texto. Lê-se, por exemplo, que

é necessário consultar a história de cada um para ter-se uma ideia singular acerca de cada Para-si singular. Nossos projetos particulares, concernentes à realização no mundo de um fim em particular, integram-se no projeto global que somos. Mas, precisamente, porque somos integralmente escolha e ato, esses projetos parciais não são determinados pelo projeto global: devem ser, eles próprios, escolhas, e a cada um deles permite-se certa margem de contingência, imprevisibilidade e absurdo. (SARTRE, 2008, p. 592)

Não pretendo aqui apresentar elementos para um narrativismo de orientação sartreana. Meu intento é mostrar, amparado em elementos de *hermenêutica narrativista*, como o antinarrativismo de Roquentin é uma posição frágil, mas que se coloca de maneira incontornável no caminho de uma perspectiva narrativista sobre identidade pessoal. É nesse sentido que pretendo tratar desde uma interpretação narrativista os temas dos *novos começos*, das *situações privilegiadas* e dos *momentos perfeitos*. A crítica da posição sartreana poderá mostrar não apenas a possibilidade mas também o lugar dessas instâncias no horizonte de uma identidade pessoal concebida como narrativa.

## 2. Até onde a vida é uma narrativa?

A posição antinarrativista do personagem sartreano já é um marco na posição do debate sobre os direitos e poderes da narração na representação da existência. Em seu célebre *Against narrativity*, Galen Strawson (2004), por exemplo, concorda parcialmente com a perspectiva sartreana, representada por Roquentin, embora sua própria posição em defesa das identidades episódicas seja ainda mais radical que a do personagem sartreano. No entendimento de Strawson, as posições narrativistas de autores como Paul Ricoeur, Charles Taylor e Alasdair MacIntyre não são apenas falsas e moralmente perniciosas – ao excluir do domínio da dignidade humana pessoas que não se identificam mediante narração de histórias – mas também apenas parcialmente válidas, sendo aplicáveis a pessoas que, como eles próprios, se identificam com histórias. Não é surpreendente que MacIntyre, nesse sentido, seja um dos mais ferrenhos adversários do antinarrativismo sartreano. Vejamos isto em detalhe.

Ao contrário de Roquentin, MacIntyre (2001, p. 356) sustenta que “as histórias são vividas antes de serem contadas”. Essa convicção é vital para a economia do argumento do autor que, em *Depois da virtude*, desenvolve uma longa crítica não só ao universo filosófico mas sobretudo ao nível da administração da vida nas sociedades modernas, nas quais a vida é fragmentada, segmentada e atomizada. “Cada um de nós”, segundo o autor, “sendo o protagonista de seu próprio drama, tem papéis coadjuvantes nos dramas de outras pessoas, e cada drama restringe os outros” (MACINTYRE, 2001, p. 359). Nesse horizonte, chama a atenção de MacIntyre que Sartre nunca responda a pergunta sobre “como seriam os atos humanos destituídos de qualquer narrativa deturpadora”, mas que, pelo contrário, “para provar que não existem narrativas verdadeiras, ele

próprio escreva uma narrativa” (MACINTYRE, 2001, p. 360). A importância da narração na constituição de uma identidade funcional é vital e o homem macintyreano é, “em suas ações e práticas, bem como em suas ficções, essencialmente um animal contador de histórias” de modo que, por exemplo, privar as crianças da instrução oferecida pelas fábulas exemplares é “deixa-las sem *script*, ansiosas, hesitantes tanto nas ações quanto nas palavras” (MACINTYRE, 2001, p. 363). Há, no entendimento desse filósofo, uma rede de pressuposições mútuas entre “narrativa, inteligibilidade e responsabilidade” e “identidade pessoal” (MACINTYRE, 2001, p. 367). Essa identidade pessoal é a identidade “de um eu cuja unidade reside na unidade de uma narrativa que une o nascimento à vida e à morte em forma de narrativa com começo, meio e fim” (MACINTYRE, 2001, p. 345). Nas antípodas de Roquentin, MacIntyre propõe justamente a ideia de uma profunda *unidade narrativa de uma vida*. E no que concerne ao reconhecimento dessa ideia de unidade de uma vida, outros autores narrativistas possuem distintas compreensões. Começamos pelos autores arregimentados pela crítica de Galen Strawson, isto é, Charles Taylor e Paul Ricoeur.

Em *As fontes do self*, Taylor reconhece a importância de MacIntyre no debate sobre a narração. Muito distante do historiador fictício de Sartre, para quem só existe o presente, para Taylor “a narrativa precisa desempenhar um papel maior que a mera estruturação de meu presente” (TAYLOR, 2005, p. 71). A orientação proporcionada pela narrativa identitária é também naquilo que diz respeito ao sentido do *bem* em uma vida. A narrativa é, portanto, iluminada pelo futuro e, diz o filósofo, “ao projetar minha vida para a frente e endossar o rumo atual ou dar-lhe um novo, projeto uma história futura, não só um estado de futuro momentâneo, mas uma direção a ser seguida por toda minha vida vindoura” (TAYLOR, 2005, p. 72). Mesmo que declare que “queremos que nossa vida tenha sentido, peso, substância, que ela se encaminhe para alguma plenitude” e que “isso se refere a *toda* nossa vida porque “desejamos que o futuro ‘redima’ o passado, torne-o parte de uma história de vida dotada de sentido ou de propósito, incorpore-o a uma unidade significativa” (TAYLOR, 2005, p. 75), Taylor abre uma fresta para a introdução de uma suspeita sobre essa unificação compulsória da vida:

Será que isso significa que tenho de considerar toda a minha vida passada como a de uma única pessoa? Não haverá aqui espaço para decisões? Afinal, mesmo aquilo que ocorreu antes de meu nascimento poderia ser visto, em dada leitura, como parte do processo de meu vir-a-ser. Não é o próprio nascimento um ponto arbitrário? (...) Não costumamos com frequência falar daquilo que fomos quando crianças ou adolescentes em termos de “eu era uma pessoa diferente então”? (TAYLOR, 2005, p. 74)

É nessa mesma direção que estão as reflexões de Paul Ricoeur em *O si-mesmo como outro*. Embora reconheça a pertinência da ideia macintyreana de unidade de uma vida como “ponto de apoio à visada da vida ‘boa’”, Ricoeur tem reservas com o fato de que MacIntyre põe a ideia de unidade de vida “acima de práticas e planos de vida” (RICOEUR, 2014, p. 168). Para Ricoeur, de modo mais aproximado ao Roquentin sartreano, “nada na vida real tem valor de começo narrativo”, pois “a memória perde-se nas brumas da primeira infância”, “meu nascimento e, com mais razão, o ato pelo qual fui concebido pertencem mais à história dos outros, no caso a de meus pais que a mim mesmo” e a morte “só será um fim narrado na narrativa daqueles que sobreviverem a

mim” (RICOEUR, 2014, p. 171). Não surpreende que o enfrentamento da ideia de unidade narrativa de uma vida envolva um recurso a Sartre. Ainda que esteja se referindo à filosofia existencial e não ao romance de Sartre, Ricoeur enfatiza – de modo análogo a Taylor – que a colocação da vida em enredo que “parece só conseguir abranger a fase já passada da vida” precisa “articular-se com previsões e projetos”, isto é, “a seleção dos acontecimentos narrados e as previsões pertinentes àquilo que Sartre chamava de projeto existencial de cada um” (RICOEUR, 2014, p. 172). A história de cada um é, pois, a história de um projeto sempre aberto para ser feito, desfeito e refeito em uma dialética aberta entre a ação e a compreensão narrativa, “mesmo que seja preciso considerar revisável e provisória toda e qualquer figura de enredo” (RICOEUR, 2014, p. 173) que confere sentido ao futuro e ao passado de cada presente vivo considerado. Ainda no que concerne ao enfrentamento da ideia de unidade narrativa de vida, Ricoeur menciona a obra de Wilhelm Schapp, *In Geschichten verstrickt*, desde a qual seria possível compreender que as histórias de vida, diferentemente das histórias de ficção, são abertas “nas duas extremidades” (RICOEUR, 2014, p. 172), do nascimento e da morte. Como observa José Manoel Heleno, a perspectiva de Schapp implicaria em uma radicalização da posição narrativista ricoeuriana:

Se nenhuma história se conclui, tal indica o estado de aberto em que o homem vive, sempre pronto a fazer e a refazer a sua história e a dos outros a partir de um horizonte que se vai alterando. Deste modo, conhecer-se a si próprio é conhecer a sua história ou, pelo menos, dar uma versão dela, mesmo que em cada história esteja já e sempre uma história por vir. Se todas as coisas estão emaranhadas ou entretecidas em histórias é porque existe uma compulsão para a ordem, ou seja, para a narrativa. (HELENO, 2002, p. 116)

De acordo com Schapp, conforme Heleno, “o mundo só pode ser dado se estiver envolvido em histórias” até um ponto que na ausência de intriga “as coisas e o mundo não teriam qualquer sentido” e, conseqüentemente para Schapp, “conhecer e estar envolvido em histórias é a mesma coisa, considerando até que elas são o modelo para qualquer ciência ou, em geral, para qualquer conhecimento possível” (HELENO, ANO, p. 118). Embora reserve um papel imenso ao expediente narrativo e chegue mesmo a sugerir que a vida é *uma narrativa em busca de narrador*, conforme o título de um ensaio publicado antes de *O si-mesmo como outro*, Ricoeur não é tão narrativista quando Schapp: a instância da tripla *mimesis*, apresentada em *Tempo e narrativa* nos termos de três momentos distintos – caracterizados pela prefiguração na vivência, pela configuração na narrativa e pela refiguração na leitura –, reserva à experiência viva o caráter de ser *pré-narrativa*. Jogando com o adágio existencialista de Sartre que dispõe que *a existência precede a essência*, seria possível dizer que, em Ricoeur, *a vida precede a narrativa*. É por essa razão que, até o momento presente do argumento, ainda não há elementos para contestar a alegação do historiador fictício de *A náusea* para o qual a narração distorce a realidade – na qual não haveria a experiência viva dos começos. Para mostrar a plausibilidade da ideia de uma *experiência viva de começos* – e *recomeços* – é necessário, pois, um aprofundamento na perspectiva narrativista.

### 3. Esboços em uma perspectiva pluralista

Vimos, na primeira parte do texto, que Antoine Roquentin considera que *só existe o presente*. É nesse presente que se dá o único acesso ao passado que, nessa perspectiva, é o mero passado do tríplice presente agostiniano que tanto constrange Ricoeur tanto em *Tempo e narrativa* quanto em *A memória, a história, o esquecimento*. Nesta obra, Ricoeur lança mão de uma expressão que, embora não apareça definida como um conceito, aparece no decorrer do texto nomeando uma instância que não parece ser outra senão esta que Roquentin considera a única existente, a saber, o presente. A expressão da qual Ricoeur se serve é uma que já utilizei, propositalmente, neste texto, a saber, *experiência viva*. Em *A memória, a história, o esquecimento*, há experiência viva “da memória” (RICOEUR, 2007, p. 26), que é “pré-verbal” e “traduz o *Erlebnis* da fenomenologia husserliana” (RICOEUR, 2007, p. 43), que parece pressuposta pela “teoria do tríplice presente” e compromete “a alteridade do passado” (RICOEUR, 2007, p. 112) e que é também “da duração” (RICOEUR, 2007, p. 194). Com essa expressão, aproximamo-nos de Roquentin mas também do Sartre de *O ser e o nada*, para o qual a temporalidade, que “deve ter a estrutura da ipseidade” (SARTRE, 2008, p. 192), pode parecer uma força dissolvente se abordada em seu aspecto mais “existenciário” e cronológico, mas em nível ontológico não passa de um “esboço de dissociação no núcleo da unidade” (SARTRE, 2008, p. 191). Sartre declara que “convém colocar acento no ek-stase presente – e não, como Heidegger, no ek-stase futuro” (SARTRE, 2008, p. 199). Mesmo que na mesma obra Sartre alegue que “é o futuro que decide se o passado está vivo ou morto” (SARTRE, 2008, p. 613), fica claro que o filósofo se refere ao futuro do presente, que organiza o projeto atual que “determina se um período definido do passado está em continuidade com o presente ou é um fragmento descontínuo do qual emergimos e que se distancia” (SARTRE, 2008, p. 615). É essa experiência viva do presente – do tríplice presente de matriz agostiniana – que relativiza a realidade do passado, da memória, e que faz a duração parecer uma ilusão, um mero efeito de continuidade produzido pelas narrativas. Considerando que *Tempo e narrativa* se inicia com o enfrentamento da perplexidade produzida pela filosofia do tríplice presente e se encerra com um elogio da categoria de “horizonte de expectativas” de Reinhart Koselleck – que, para o autor de *A memória, a história, o esquecimento*, tem um “paralelismo marcante” (RICOEUR, 2007, p. 312) com os conceitos agostinianos – é possível supor que Ricoeur começa e termina o livro com a mesma perplexidade reelaborada. Meu intento, porém, não é o de fazer um balanço do sucesso ou do fracasso dos empreendimentos filosóficos de Ricoeur, mas o de desenvolver uma possibilidade latente de seu pensamento, a saber, o de uma hermenêutica ainda mais narrativista que a que ele efetivamente ofereceu. Para isso, minha hipótese passa pela seguinte questão: será possível que a prefiguração narrativa já seja, ela própria, narrativa? Em outras palavras, será possível conceber uma experiência viva de uma história? Penso que sim e que, em certo sentido, essa possibilidade passa pela aproximação das duas extremidades da tripla *mimesis* ricoeuriana, a saber, a vivência e a leitura.

Em *Reading from the middle*, Ben Roth (2017) oferece elementos para pensar uma aproximação entre a experiência viva do tríplice presente e a prática da leitura. O recurso de Roth não é aos pensadores narrativistas mencionados neste texto, mas a

Martin Heidegger e ao conceito de “projeção lançada”. Haveria, para falar com Ricoeur, um *paralelismo marcante* entre a noção heideggeriana e o conceito de “ponto de vista errante” de Wolfgang Iser:

Entendemos quem somos, no presente, lançando arcos hipotéticos maiores de enredo da mesma maneira que os leitores, quando estão no meio de uma história, projetam o lugar para o qual essa história está indo, a fim de entender a identidade e a situação de seus personagens. As estruturas hermenêuticas são as mesmas e diferentes das mobilizadas em outras formas de interpretação. Eu vou desenvolver e defender essa visão apresentando um relato, motivado pelo desejo de adaptar a noção de Heidegger de “projeção lançada”, uma estrutura básica de nossa maneira de existir, a um modelo narrativista. Argumentarei então essa noção é a mesma que a noção teórico-literária de Wolfgang Iser de “ponto de vista errante”, a estrutura pela qual lemos literatura. (ROTH, 2017, p. 2, tradução minha)

A leitura goza, para Roth, de uma similaridade estrutural com o próprio existir na medida em que “não é uma questão de autoria” mas ao mesmo tempo envolve a dimensão da “projeção em possibilidades”. Segundo o autor, “o projetar parece ativo, mas, no sentido mais importante, não é. Sempre projetamos uma compreensão das possibilidades como parte de nossa leitura da nossa existência” (ROTH, 2007, p. 7, tradução minha). Para Roth, “assim como lemos as narrativas antes de saber como elas terminam, lemos a nós mesmos de maneira aberta, à luz de possibilidades que podem ou não unificar nossas vidas em conjuntos intencionais” (ROTH, 2007, p. 7, tradução minha). Nessa perspectiva, a experiência viva do tríplice presente é instada a manejar uma abertura de expectativas análoga a da prática da leitura. Nessa direção, inviabiliza-se em razão de sua estreiteza a ideia macintyreana de unidade narrativa de uma vida. Para Roth,

segundo a concepção ideal de MacIntyre, o arco de uma busca orientada para o bem captura uma vida inteira. Em contraste, minha imagem revisada representa os arcos narrativos concorrentes pelos quais um único momento é constituído. Nosso entendimento das possibilidades de nossa existência, através da projeção heideggeriana, envolve muitos futuros implícitos, e nenhum é certo. [...] Enquanto isso, quando olhamos para o passado, nem sempre vemos o mesmo arco fixo, apesar de já estarmos sempre lançados. Dependendo de onde estamos agora e do que estamos considerando, veremos diferentes partes de nosso passado (e, portanto, diferentes arcos) como relevantes. [...] Pela minha visão narrativista revisada, compreendemos a nós mesmo projetando provisoriamente as possibilidades de nossa existência. Tematizar adequadamente essa compreensão (compreender a compreensão de si) envolverá a reconstrução e explicitação de toda uma rede de narrativas, além de rastrear sua evolução conforme o comportamento e as expectativas de alguém mudam. (ROTH, 2017, p. 8, tradução minha)

A organização do passado e da memória na narração está, desse modo, absolutamente *enredada* com o posicionamento do sujeito diante das possibilidades nas quais se lança ou deixa de se lançar na experiência viva do tríplice presente. O sujeito da existência e da leitura da própria existência, portanto, é lançado em *arcos de enredo* nos quais há elementos previamente dispostos e em relação aos quais as expectativas serão constituídas por hipóteses e apostas sobre o desfecho dos arcos narrativos nos quais se

lança. Roth vê nesse expediente das expectativas e esperanças o domínio privilegiado de uma investigação na qual se deseja compreender *quem* é determinado sujeito:

Para recuperar um senso de autocompreensão do passado de uma pessoa, seria necessário recuperar a estrutura de suposições, expectativas e possibilidades alternativas que então a guiavam – e elas existiam além de quaisquer preocupações, inseguranças, esperanças, sonhos e expectativas explícitas, de quaisquer medos que ele ou ela tenha experimentado. Eles estão presentes, se o tratamento da projeção por Heidegger estiver correto, em nossa própria postura existencial. O arco que qualquer uma de nossas vidas atualiza é cruzado a todo momento por possibilidades concorrentes, agora perdidas, que precisam ser entendidas para realmente rastrear onde uma pessoa esteve. (ROTH, 2017, p. 11, tradução minha)

Se Sartre percebia a pertinência da história de cada um enquanto âmbito de investigação privilegiada de uma identidade pessoal, Roth oferece uma perspectiva pluralista na qual importam *as histórias*, acabadas ou inacabadas, incluídas ou excluídas, da narrativa vigente no tríplice presente de um segmento de vida. O caráter de inacabamento do texto e da vida para o sujeito impõe uma paisagem na qual este é permanentemente instigado a rever ou manter expectativas e hipóteses sobre o desenvolvimento e o desfecho das histórias (ROTH, 2017, p. 11). Roth observa como o argumento de Iser é orientado por influxos da fenomenologia da consciência íntima do tempo de Husserl no que concerne ao manejo da experiência e da expectativa. Roth, porém, prefere o vocabulário de Heidegger já que este coloca em relevo a dimensão propriamente existencial de uma expectativa viva comprometida com a projeção em possibilidades existenciais (ROTH, 2017, pp. 11-12). Para Roth, é inegociável que “percorremos nossas vidas da mesma maneira que percorremos narrativas, de acordo com as estruturas de projeção e projeção, hipotetizando padrões temporais maiores de eventos” (ROTH, 2017, p. 12, tradução minha). A posição de Roth sobre a relação entre a existência e sua(s) narrativa(s) é a de que a similaridade entre o “ponto de vista errante” de Iser e a estrutura existencial do “estar lançado em possibilidades” heideggeriano é literalmente a mesma. Os sujeitos *são* leitores de suas vidas e existir é estar permanentemente instado a ler e elaborar a narrativa de uma existência. É nessa perspectiva narrativista que se torna possível pensar o lugar dos *começos*, das *situações privilegiadas* e dos *momentos perfeitos* em uma existência vivida como história.

#### **4. Novos começos, situações privilegiadas, momentos perfeitos**

O percurso pela aproximação realizada por Ben Roth entre a projeção lançada na existência e o ponto de vista errante da leitura parece ter produzido dois resultados. O primeiro é a amarração entre as duas extremidades da *mímesis* ricoeuriana, a saber, a experiência viva e a leitura. O segundo é a *pluralização* da identidade pessoal por meio da reelaboração narrativa realizada desde segmentos de vida estruturados na forma de tríplice presente<sup>1</sup>. As preocupações de Ricoeur com a memória que se perde nas

---

1 Uma questão que não será explorada, no presente artigo, por razões de espaço e economia interna da argumentação, é aquela acerca da forma ou gênero narrativo vocacionado para apreensão dos segmentos identitários narrativamente estruturados. Pistas nessa direção são oferecidas por Charles Larmore, em *As práticas do eu*, quando declara que “todo segmento de vida se assemelha a um curto romance: impelidos por esta ou aquela consideração, fazemos isto para atingir aquilo” (LARMORE, 2008, p. 225). Na mesma direção, Maria Rita Kehl sugere que a troca do

brumas da primeira infância e com o fato de que “não conhecemos a última página do texto de nossa vida” (RICOEUR, 2010c, p. 222), contudo, já não limitam a perspectiva narrativista de uma ipseidade que pode se narrar porque pôde, antes, ler a própria existência. Os marcos de significação do nascimento e da morte são dados sempre no tríplice presente vivo de um segmento de vida. É o que parece compreender Sartre, em *O ser e o nada*: mesmo que sua teoria da angústia lance um desafio extremo à ideia de manutenção de uma narrativa ao declarar que “para que aquela decisão venha de novo me prestar ajuda, é preciso que eu a refaça ex nihilo e livremente” (SARTRE, 2008, p. 77), há lugar em sua ontologia para as redes de confiança que dão sustentação a uma identidade narrativa. Conforme Sartre:

Dizer que “tive coqueluche aos cinco anos” pressupõe mil projetos, em particular a adoção do calendário como sistema de referência de minha existência individual – logo, uma tomada de posição originária frente a ordem social – e a crença resoluta nos relatos feitos por terceiros a respeito de minha infância, crença essa acompanhada, certamente, por respeito ou afeto a meus pais, respeito esse que confere sentido à crença, etc. (SARTRE, 2008, p. 612)

Há toda uma sorte de diferenças entre os conceitos de ipseidade de Sartre e de Ricoeur que foram assinaladas por autores como Noeli Rossatto (2013b, 2010), François Dosse (2009) e especialmente Francisco Naishtat (2007). Ainda que o acento sartreano seja sempre no caráter solitário da liberdade que se resolve a crer em relatos de terceiros (é admissível que seja considerado um tanto *exagerado* problematizar a crença resoluta até o nível em que ela precisa endossar a adoção do calendário como sistema de referências), como afirmei, Ricoeur não cessa de recorrer ao conceito sartreano de projeto enquanto feliz designador do domínio sintético de nossas condutas e expectativas. Se a identidade é, afinal, uma estruturação narrativa – sempre feita, desfeita e refeita desde uma experiência viva do tríplice presente – “essa estruturação narrativa permanece sempre em relação com uma capacidade de se projetar na dianteira”, declara Ricoeur, acrescentando que “Sartre o dissera excelentemente com sua ideia de projeto existencial: o projeto existencial ultrapassa a memória e a narrativa” (RICOEUR, 2010c, p. 222). Essa capacidade de projeção existencial é precisamente o lastro desde o qual se podem compreender e realizar os *novos começos*. Se Roquentin, assombrado pela onipresença do presente, não era capaz de perceber a experiência dos começos, o autor de *O ser e o nada* parece absolutamente convicto dessa possibilidade, designada pela palavra *conversão*:

Não estudadas pelos filósofos, essas conversões, ao contrário, inspiraram amiúde os literatos. Recorde-se o *instante* em que o Filoctetes de Gide abandona inclusive seu ódio, seu projeto fundamental, sua razão de ser e seu ser; recorde-se o *instante* em que

---

grande romance autobiográfico pela forma do *conto* oferece, para quem deseja “deter no tempo o movimento errático da vida”, a possibilidade de uma construção narrativa “mais imprecisa, cheia de elipses, que suporte os enigmas em vez de tentar esclarecê-los todos” (KEHL, 2001, p. 83). Estaríamos, nessa perspectiva, distantes da ideia de *unidade narrativa de uma vida* na qual os sujeitos se compreendem como “personagens dos romances de suas próprias vidas, das quais se creem os únicos autores, inconformados com a finitude de suas trajetórias individuais, obcecados por deter no tempo e na memória todos os detalhes de uma vida que não faz sentido” (KEHL, 2001, p. 84). Novamente segundo Larmore, “não há nada mais precipitado do que esperar que a vida de um indivíduo, em seu conjunto, se desenrole segundo algum esquema englobante, que assuma, por assim dizer, a forma de uma busca”, pois o fio do enredo de uma narrativa pessoal “acaba quando não nos sentimos mais impelidos a continuar na direção dada” (LARMORE, 2008, p. 226).

Raskolnikov decide se denunciar. Esses instantes extraordinários e maravilhosos, nos quais o projeto anterior desmorona no passado à luz de um projeto novo que surge sobre suas ruínas e que apenas ainda se esboça, instantes em que a humilhação, a angústia, a alegria, a esperança, casam-se intimamente, instantes nos quais abandonamos para captar e captamos para abandonar – tais instantes em geral têm podido fornecer a imagem mais clara e mais comovedora de nossa liberdade. Mas constituem apenas um entre outras de suas manifestações. (SARTRE, 2008, p. 586)

Sempre pronto a frustrar o leitor por meio da inegociável *paixão pelo negativo* de sua filosofia existencialista, Sartre faz questão de lembrar que as grandes conversões narradas pelos grandes romancistas são apenas uma entre outra das manifestações da liberdade humana. De fato, se a liberdade radical recobre todas as condutas humanas, uma conversão é possibilitada pela mesma estrutura que permite a manutenção de um projeto de má-fé ou a ação singular de acender um cigarro. Para os fins da reflexão que desdobra no presente texto, é importante que a conversão não tenha privilégios sobre outras formas de mudança menos abruptas e espetaculares desde as quais uma identidade pode ser desfeita e refeita. A perspectiva de Ricoeur – e seu recurso à psicanálise – aponta na direção de uma mudança pensada enquanto “trabalho” (RICOEUR, 2007, p. 84).

Aproximando as noções de luto e de perlaboração [*Durcharbeiten*] colhidas em dois distintos textos de Sigmund Freud, Ricoeur identifica um caminho que, em certo sentido, “é coextensivo à empreitada psicanalítica em seu todo enquanto renúncia e resignação que culmina na reconciliação com a perda” (RICOEUR, 2007, p. 85). O uso das categorias de Freud por parte de Ricoeur se dá em um horizonte ético, um duplo trabalho que presume tanto a “paciência do analista” quanto a “coragem requerida do analisando de se reconhecer enfermo” (RICOEUR, 2007, p. 85). Esse reposicionamento moral do sujeito diante da própria dor oportunizaria o rompimento da “complacência com a tristeza”, com a acídia que é uma “espécie de preguiça, de lassidão, de desgosto”, que emerge de um “fundo moral da melancolia” (RICOEUR, 2007, p. 90) tal como concebida por Freud. A compreensão narrativista da perlaboração oportunizada pela psicanálise presume que “a história de uma vida procede de histórias não contadas e recalcadas na direção de histórias efetivas que o sujeito poderia assumir para si e ter por constitutivas de sua identidade pessoal” (RICOEUR, 2010a, p. 128). Atento para os críticos da narração que veem em sua prática um expediente de consolação que não faz senão “embotar o agulhão da angústia”, Ricoeur (2014, p. 173) entende que “a consolação pode ser uma maneira lúcida – lúcida como a catarse de Aristóteles – de carregar o luto de si mesmo”. O trabalho do luto e a perlaboração narrativa, portanto, ao oportunizar o movimento de uma identidade estagnada pelas fixações da melancolia e da compulsão à repetição, oportunizam os novos começos diante da inviabilização da vida. Na esteira de uma antropologia filosófica baseada na centralidade das capacidades humanas, é possível ver como andam em par as capacidades de se fazer diferente através do agir e do narrar de modo diferente. Ainda que o começo que remete ao nascimento, perdido nas brumas que precedem a memória pessoal, esteja lastreado na rede de confiança que enreda a ipseidade na alteridade, nota-se que a perspectiva da hermenêutica narrativista pode perfeitamente acomodar a ideia de *experiência de novos começos*.

Quanto a noção de situação privilegiada, o próprio mapeamento das estruturas ontológicas da situação realizado por Sartre em *O ser e o nada* nos indicam os marcos dentro dos quais alguém pode ser si-mesmo de modo privilegiado. Indicando a contingência e a facticidade que determinam o espaço de experiência no qual se dá a projeção lançada de um sujeito, a noção de situação inclui *meu lugar, meu passado, meus arredores, meu próximo e minha morte* (SARTRE, 2008, pp. 602-671). Por razões de espaço, é impossível realizar aqui uma reconstrução satisfatória dessas noções, o que mereceria outro texto. Porém, cabe observar que é nessa seção que Sartre faz algumas alegações que podem balizar alguns limites para a ideia de *situação privilegiada*. É na reflexão sobre as estruturas da situação que Sartre fala, por exemplo, do caráter irrealizável de uma identidade que se definisse como identificação definitiva com marcadores identitários já que “a raça, a enfermidade, a feiura só podem *aparecer* nos limites de minha própria escolha da inferioridade ou do orgulho” (SARTRE, 2008, p. 648). É também nessa esteira que aparece a alegação de que “é preciso considerar nossa vida como constituída não somente de esperas, mas de esperas de esperas que, por sua vez, esperam esperas” (SARTRE, 2008, p. 659), demarcando a compreensão de Sartre acerca do futuro do vivo presente tríplice de toda experiência. Nessa mesma direção, é possível perceber uma tipificação mínima dos projetos humanos com base na solidariedade com os *projetos desgarrados* da experiência viva do projeto atual:

Se, em uma perspectiva fundamental que ainda não determinamos, um de meus principais projetos é *progredir*, ou seja, estar sempre e a todo custo *mais avançado* em certo rumo do que estava na véspera ou uma hora antes, esse projeto progressivo envolve uma série de projetos *desgarrados* em relação a meu passado. É então que, do alto de meus progressos, olho o passado com uma espécie de piedade um tanto desdenhosa; um passado estritamente *objeto passivo* de apreciação moral e juízo – “como eu era tolo então”, ou “como eu era malvado!”. [...] Em troca, há Para-sis cujo projeto implica a rejeição do tempo e a estreita solidariedade com o passado. Em seu desejo de encontrar um terreno sólido, elegeram o passado, ao contrário, como aquilo que *são*, o resto nada mais sendo do que fuga indefinida e indigna de tradição. [...] Assim, veremos os primeiros (que escolheram o progredir) confessarem desdenhosamente e com facilidade uma falta cometida, ao passo que a mesma confissão será impossível para os demais (que escolhem o passado), a menos que tenham modificado deliberadamente seu projeto fundamental; estes últimos irão recorrer a toda má-fé do mundo, e a todas as escapatórias que possam inventar de forma a evitar lesar esta fé depositada naquilo que é, a qual constitui uma estrutura essencial do seu projeto. (SARTRE, 2008b, pp. 618-619)

É precisamente no intervalo entre a solidariedade total e a ausência total de solidariedade com o passado que se posiciona a hermenêutica do si de Ricoeur. Considerando a topografia do problema realizada no prefácio de *O si-mesmo como outro*, a solidariedade total com o passado não é senão o eclipse total da ipseidade pela mesmidade dos traços estáveis e disposições duráveis de uma identidade. Essa perspectiva produz para a compreensão o efeito de que a subjetividade é substancial. A alternativa oposta é a da pura ipseidade, desamparada da mesmidade, operando para além do limite da inteligibilidade mínima de um enredo, fazendo o comportamento parecer atomizado e absurdo pela ausência de relações com, para falar com MacIntyre

(2001, p. 349), “intenções, crenças e cenários”. Acompanhando Ricoeur, a narrativa é um “misto instável entre fabulação e vivência” (RICOEUR, 2014, p. 173) que, conforme vimos com Ben Roth, sempre acontece no tríplice presente de uma experiência viva capaz de se redirecionar com vistas a fins que redefinem os arcos de passado cobertos pela narração. Com isso em mente, é possível averiguar se o autor de *O ser e o nada*, mantendo a mesma opinião de seu *alter ego* de *A náusea*, tem razão ao dizer que “não há situação privilegiada” porque “não há situação em que o *dado* sufocasse sob seu peso a liberdade que o constitui com tal – nem, reciprocamente, situação na qual o Para-si fosse *mais livre* do que em outras” (SARTRE, 2008, p. 673). É, porém, necessário ser *esmagado* ou *mais livre* para que uma situação tenha relevos nos quais alguém está mais imersa no próprio presente vivo?

Além da já mencionada *paixão pelo negativo* que colore de dramaticidade sua ontologia, o próprio enquadramento estritamente ontológico das discussões de *O ser e o nada* empurra os estratos prosaicos para uma posição de indistinção. Em uma perspectiva narrativista, a posição sartreana exige que, em certo sentido, abdique-se de tudo: uma grande tomada de consciência é livre como a atitude de acender um cigarro, nenhuma circunstância nos torna mais livres ou nos esmaga e, no limite, como diz nas últimas páginas de *O ser e o nada*,

todas as atividades humanas são equivalentes [...], todas estão fadadas por princípio ao fracasso. Assim, dá no mesmo embriagar-se solitariamente ou conduzir os povos. Se uma dessas atividades leva vantagem sobre a outra, não o será devido ao seu objetivo real, mas por causa do grau de consciência que possui de seu objetivo ideal; e, nesse caso, acontecerá que o quietismo do bêbado solitário prevalecerá sobre a vã agitação do líder dos povos. (SARTRE, 2008, p. 764)

Se permanecemos próximos de Sartre, estamos em um plano no qual a única instância dramática é ontológica e não narrativa, a saber, a impossibilidade ontológica da realização da identidade. Embora seja instrutiva enquanto caso exemplar de um pensamento sintonizado com a experiência viva do tríplice presente, a filosofia existencial de Sartre nos tira com uma mão o que nos dá com a outra ao planificar o sentido cotidiano e mensurar a qualidade das experiências pela consciência de sua efemeridade. Reposicionando o sentido no horizonte das histórias humanas, a hermenêutica narrativista extrai a fecundidade das noções de projeto e história pessoal do pensamento sartreano, a saber, a fecundidade da renovação da iniciativa e da compreensão daquilo que Jacques Lacan (1998, p. 424) chamou de “história de uma vida vivida como história”. Considerando a perspectiva narrativista e pluralista aqui assumida, é preciso admitir não só a possibilidade de muitos começos e desfechos no intervalo cronológico entre o nascimento e a morte como também a possibilidade de que há diferentes relevos nas diferentes situações nas quais o personagem-leitor da própria história se vê enredado. Nessa direção, é possível conceber segmentos de vida caracterizados por uma decidida e resoluta espera por situações privilegiadas nas quais, para falar com Róbson Ramos dos Reis (2014, p. 284), “uma preparação para o encontro com algo que em geral se ausenta e, caso se dê, opera uma transformação na própria vida”. Tal observação, feita no horizonte de caracterização do que seja uma *vida mística*, designa “uma jornada, e não um estado ou experiência, uma preparação

para a presença de algo que não se dá à consciência de maneira usual, mas em geral está ausente” (REIS, 2014, p. 283). Conceber uma espera decidida por *algo que em geral se ausenta*, que pode operar uma *transformação* e que é mais uma jornada que um estado ou experiência é conceber um tipo de intencionalidade e atenção que dispõe os momentos e segmentos de vida em um tipo de enredo organizado em hierarquias de sentido. Nessa perspectiva, é Anny, e não Roquentin, que deve nos guiar sobre como deve ser essa vida na qual são possíveis as situações privilegiadas e os momentos perfeitos. Segundo Noeli Rossatto:

Para Anny, os cenários, as situações, os momentos carregam consigo uma *matéria* moral inerente que torna os acontecimentos mais ou menos perfeitos. Esta matéria moral tem de ser trabalhada em cada cenário pelo personagem que quer alcançar a perfeição. A ação sempre é, então, desencadeada *ante praevisa merita*, isto é, de uma maneira idealista em que o ator de antemão já sabe o seu papel e pode prever os méritos advindos de seu desempenho. (ROSSATTO, 2013a, p. 92)

A perspectiva de Anny nos reaproxima das contribuições de Roth à hermenêutica narrativista. Seja qual for a orientação de um projeto existencial em termos de fins, a experiência viva do tríplice presente é já sempre narrativamente organizada dentro dos marcos estruturais da situação. Ainda segundo Rossatto (2013a, p. 93), “só a narrativa é capaz de dotar os atos humanos de qualidade extraordinárias e discriminar um conjunto deles como superior em detrimento de outros. Apenas a narrativa pode compor cenas e estabelecê-las como superiores em relação a outras”. Se na perspectiva de Roquentin a narração incide sobre o passado e a situação privilegiada se transforma em efeito narrativo, com Anny e na esteira da hermenêutica narrativista, aprendemos que não só a memória, mas a experiência viva do tríplice presente já pode ser experimentada como situação privilegiada. E é no contexto de uma situação privilegiada que podem acontecer os momentos perfeitos. Para compreender em linhas gerais no que consistiriam tais momentos, cabe voltar a Ricoeur.

A teoria da identidade narrativa de Ricoeur é, na economia interna do argumento de *O si-mesmo como outro*, uma antessala da pequena ética que o autor esboça na obra. Orientado pela noção aristotélica de *vida boa*, Ricoeur está pensando na “nebulosa de ideais e sonhos de realização em relação à qual uma vida é considerada mais ou menos realizada ou não realizada. É o plano do tempo perdido e do tempo reencontrado” (RICOEUR, 2014, p. 195). Essa visada da vida boa ilumina as decisões particulares, em um círculo hermenêutico que, como em um texto, “todo e parte são compreendidos um por meio do outro” (RICOEUR, 2014, p. 196). É essa compreensão narrativamente orientada que mede a adequação da “evidência experiencial” da atestação e da “certeza de ser o autor de seu próprio discurso e de seus próprios atos se faz convicção de bem julgar e bem agir, numa aproximação momentânea e provisória do bem viver” (RICOEUR, 2014, p. 197). Imprevista e proibida na ontologia de Sartre – já que só pode se dar negativamente na experiência da *angústia* na qual a identidade se põe em jogo –, a atestação é a experiência viva da imersão no horizonte da boa vida. Admitindo-se que a contribuição de Roth cancela as exigências sartreanas de unificação ontológica da existência desde uma pura ipseidade quase impessoal bem como o ideal macintyreano de unidade de vida, não só a aproximação do bem viver é momentânea e provisória,

mas o *próprio bem viver* pode ser pensado como ideal momentâneo, provisório, revisável e válido para um segmento de vida. Nessa direção, se a história de uma vida é vivida como história, porém, o caráter momentâneo, provisório e revisável de sua organização aponta em uma direção de *esboço de uma história vivida como esboço*. O narrativismo pluralista intensifica o caráter circunstancial dos projetos e promove o que Ricoeur (2010a, p. 14) chama de “*intensificação da experiência do tempo*” na qual os momentos perfeitos são os cumes. O deslocamento da incidência da organização narrativa do passado lembrado para o presente vivido parece criar um efeito no qual os momentos perfeitos podem ser descritos nos termos que Ricoeur utiliza para se referir à memória feliz, a saber, *pequeno milagre*. Em *A memória, a história, o esquecimento* Ricoeur alega que esse pequeno milagre se produz “sob os dedos que folheiam um álbum de fotos, ou quando do encontro inesperado de uma pessoa conhecida, ou quando da evocação silenciosa de um ser ausente ou desaparecido para sempre”, situações nas quais “escapa o grito: ‘É ela! É ele!’” (RICOEUR, 2007, p. 502). Uma experiência intensamente imersa em sua própria história produz essas experiências na ocasião feliz de encontrar aquilo que busca ou espera em sua jornada. Se o reencontro de Anny e Roquentin é um desastre, porém, esse desastre não é justamente condicionado pelo desastre do estrato narrativo da experiência? Ainda que a perspectiva sartreana seja uma vacina contra, para usar o título de uma obra de Jacques Lacan, o *mito individual do neurótico*, aqui apresentado pelo ideal de *unidade narrativa de vida*, todavia, sua *paixão pelo negativo* só parece presumir casos de atestação da ausência do sentido, nunca de sua presença. Sua ênfase na abertura e na possibilidade de permanente renovação dos projetos nos oferece a imagem da vida como esboços de histórias, vividos como esboços. Mas a perspectiva narrativista mostra como um simples passo para longe dessa paixão radical pelo negativo carrega consigo o direito aos novos começos, às situações privilegiadas, aos momentos perfeitos e, em última instância, à *experiência feliz*.

### **Considerações finais**

Pretendi mostrar como as negação de instâncias de experiência narrativa realizadas por Sartre em *A náusea* dependem de uma concepção de experiência insulada em um presente absoluto. Reelaborada em *O ser e o nada*, essa concepção indica de maneira muito feliz a abertura para a permanente renovação identitária pela via da iniciativa. Todavia, a radicalidade dessa concepção torna a renovação ontologicamente permanente e a própria ideia de persistência de uma identidade em um segmento de tempo é condenada ao caráter de ilusão que mascara a angústia de uma ipseidade pura e desamparada. A hermenêutica narrativista, por sua vez, *enredando* as instâncias do passado e da memória com a projeção das possibilidades em horizontes de expectativa, oferece para a compreensão uma embarcação que, por menor que seja, é expediente de salvação diante da ameaça do desastre da identidade. O aprofundamento da perspectiva narrativista restitui o lugar de tudo aquilo que parecia impossível ao protagonista do romance de Sartre: novos começos, situações privilegiadas e momentos perfeitos podem ser concebidos em uma perspectiva na qual a compreensão se porta de maneira similar na existência e na leitura, lançando arcos de expectativa e se projetando de maneira momentânea, provisória e revisável em possibilidades que dão sentido ao

tríplice presente da experiência viva. Aberta tanto a reconstrução advinda dos assaltos externos do acaso quanto dos assaltos internos das *intermitências do coração*, a vida se faz, desfaz e refaz enredada em histórias.

## **Bibliografia**

DOSSE, F. *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.

HELENO, J. M. À procura de um narrador: Ricoeur e a identidade narrativa. *Phainomenon*, Lisboa, n. 4, pp. 111-122, out., 2002.

KEHL, M. R. Minha vida daria um romance. *Leitura – Literatura e psicanálise*, n. 27, jan./jun., 2001.

LACAN, J. *Escritos I*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zabar Ed., 1998.

\_\_\_\_\_. *O mito individual do neurótico, ou, A poesia e verdade na neurose*. Tradução de Claudia Berliner; revisão técnica de Ram Mandil. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LARMORE, C. *As práticas do eu*. Tradução de Maria Estela Gonçalves. São Paulo: Editora Loyola, 2008.

MACINTYRE, A. *Depois da Virtude*. Trad. Jussara Simões. Bauru: EDUSC, 2001.

MERETOJA, H. *The narrative turn in fiction and theory: the crisis and return of storytelling from Robbe-Grillet to Tournier*. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

NAISHTAT, F. S. Del Ipse existencial al Ipse narrativo. Fronteras y pasajes entre la fenomenología ontológica de Sartre y la fenomenología hermenéutica de Ricoeur. *Revista de Filosofía y Teoría Política*, n. 38, pp. 95-120, 2007.

REIS, R. R. *Aspectos da modalidade: a noção de possibilidade na fenomenologia hermenêutica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2014.

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

\_\_\_\_\_. *O si mesmo como outro*. Tradução de Ivone C. Benedetti. 1ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

\_\_\_\_\_. *Tempo e Narrativa*. Tomo I. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar; introdução de Hélio Salles Gentil. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

\_\_\_\_\_. *Tempo e Narrativa*. Tomo III. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar; introdução de Hélio Salles Gentil. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

\_\_\_\_\_. Vida: uma narrativa em busca de um narrador. In: *Escritos 1: em torno da psicanálise*. São Paulo: Loyola, 2010c.

ROSSATTO, N. Sartre místico: existência e liberdade em *A Náusea*. In: ECKER, D.; SALVETTI, É. F.; PIRES, C.; et al (Orgs.). *Existência e liberdade: diálogos filosóficos e pedagógicos em Jean-Paul Sartre*. Passo Fundo: IFIBE, 2013a.

\_\_\_\_\_. Singularidade, narratividade e mundo comum: uma perspectiva fenomenológica. In: TREVISAN, A. F.; ROSSATTO, N. D. (Orgs.). *Filosofia e educação: interatividade, singularidade e mundo comum*. 1ª ed. Campinas: Mercado das Letras, 2013b.

\_\_\_\_\_. Vida e narrativa. In: GALLINNA, A. L.; SARTORI, C. A.; SCHNEIDER, P. R. *Conhecimento, discurso e ação*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

ROTH, B. Reading from the middle: Heidegger and the narrative self. *European Journal of Philosophy*, no. 26, vol. 2, 2017.

SARTRE, Jean-Paul. *A náusea*. Tradução e Rita Braga. 12 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SARTRE, J.-P. *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. 16ª ed. Tradução de Paulo Perdigo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

STRAWSON, G. Against narrativity. *Ratio* 17, pp. 428-52, 2004.

TAYLOR, C. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. 2ª ed. Tradução de Adail Ubirajara Sobral e Dinah de Abreu de Azevedo. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

**Recebido em:** 08/Nov/2021 - **Aceito em:** 24/Dez/2021.